

EM BUSCA DA RECUPERAÇÃO PERDIDA

Estagnado, o setor tenta retomar a trajetória de recuperação anterior à crise dos caminhoneiros.

A indústria nacional iniciou o ano de 2019 com a expectativa de voltar à trajetória de recuperação iniciada em 2017, mas perdida no segundo semestre do ano passado, quando entrou em processo de estagnação, situação que ainda perdura.

“Andando de lado” desde então, o chamado carregamento estatístico¹ de 2018 explicou praticamente todo desempenho do setor em 2019. Com uma herança negativa, a produção industrial brasileira deve cair 0,6% em relação a 2018, frustrando a previsão do final do ano passado: alta de, no mínimo, 2,0%. Por outro lado, com um carregamento positivo recebido de 2018, a alta prevista da produção gaúcha para o ano é de 3,1%, confirmando a projeção do final de 2018 (+3,0%). Os diferentes carregamentos refletem os distintos efeitos da paralisação dos caminhoneiros e do aumento do frete, que antecederam o ciclo de estagnação. Portanto, independente das taxas anuais, o fato é que a indústria no Brasil e no Rio Grande do Sul passou o ano inteiro de 2019 estacionada.

Essa condição foi determinada pela incerteza econômica, ainda que menor, a desaceleração da economia mundial, a fraqueza do mercado de trabalho, as crises argentina e fiscal, que diminuíram as exportações e limitaram a expansão do consumo e dos investimentos. De fato, a demanda interna foi, em termos conjunturais, o maior problema enfrentado pela indústria de 2019, apesar da alta estimulada pelos menores níveis de juros, de inflação e de endividamento das famílias e das empresas e a melhora relativa do mercado de trabalho e da maior confiança dos empresários.

A perspectiva para 2020 é um pouco mais animadora. Em linhas gerais, não é diferente do que se projetava para 2019: retomada do processo de recuperação em qualquer dos cenários propostos, ainda que de forma lenta, gradual e sujeita a oscilações. Mesmo sem impulso estatístico para 2020, a produção brasileira deve crescer 2,5% e a gaúcha, 2,0%.

Há fundamentação para esse otimismo moderado, que se baseia numa reação do setor num contexto de retomada cíclica da economia e maiores níveis da demanda interna, que deve responder mais efetivamente aos mesmos fatores positivos de 2019. Além disso, a indústria tem capacidade ociosa, o que possibilita um avanço no curto prazo sem investimentos, ainda que o acúmulo de estoques possa retardar esse movimento. Permanecem para 2020, da mesma forma, os fatores conjunturais que limitam o desempenho da indústria desde o segundo semestre do ano passado, mas devem perder intensidade, como a demanda externa e a crise fiscal.

Indústria em 2019: Porque o desempenho da indústria gaúcha é melhor que a brasileira?

Desde 2017, sob muita oscilação, a indústria mostrava tendência de melhora lenta e gradual até meados de 2018. A partir do segundo semestre, especialmente após a crise dos caminhoneiros e o aumento do frete, esse padrão mudou.

Analisando os indicadores de produção industrial brasileira e gaúcha, com ajuste sazonal, verifica-se, entre altas e baixas, o início de trajetória de estagnação na margem (mês ante mês

¹ O termo carregamento estatístico (herança estatística ou efeito inercial) significa que se a produção se mantiver no mesmo nível do último trimestre de 2018 na média de 2019, terminará o ano apresentando uma taxa igual ao carregamento.

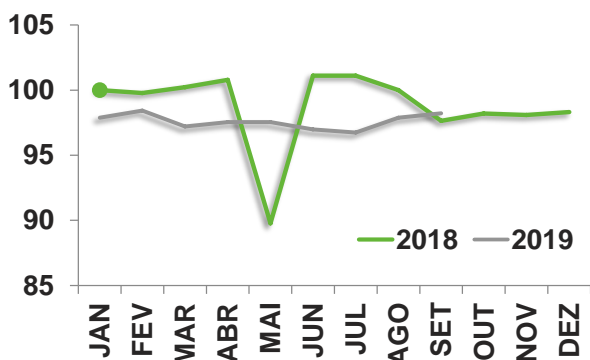
anterior) no último trimestre de 2018. Porém, como se pode perceber nos Gráficos 3.1 e 3.2, eles foram precedidos por movimentos distintos: a primeira por uma forte queda (-3,4% entre julho e setembro) e a segunda por uma forte expansão (+6,9% entre julho e setembro). No Brasil, o declínio está associado, além da greve dos caminhoneiros, às incertezas eleitorais e à crise argentina. Mas no Estado, sujeito aos mesmos problemas, o choque de curto prazo provocado pela crise dos caminhoneiros e pelo aumento do frete provocou um aumento intenso na produção de Veículos automotores: +18,0% no mesmo período, puxado por cabines, carrocerias e reboques, que representam 27,8% da produção gaúcha de veículos automotores. O aumento de receitas com frete e dos custos incentivou a renovação, a busca por frota própria e o aumento na capacidade de carga das empresas e transportadoras. Já no setor de Veículos brasileiro, o mesmo segmento responde por 6,5% da produção e o quadro foi diferente: a produção caiu 8,3%.

É importante analisar esses comportamentos pré-estagnação pelos seus impactos sobre os efeitos carregamentos de 2018 para 2019. No caso da produção nacional, aquele movimento, deixou um carregamento (herança estatística) negativo de -0,6% (média do último trimestre) para 2019, enquanto que na produção gaúcha, a herança foi positiva de 3,2%.

O efeito carregamento, nesse caso, é o quanto do desempenho anual é explicado pela herança estatística do ano anterior, em caso de estabilidade na margem. Em 2019 relativamente a 2018, foi praticamente todo.

Gráfico 3.1. Produção Industrial – Brasil

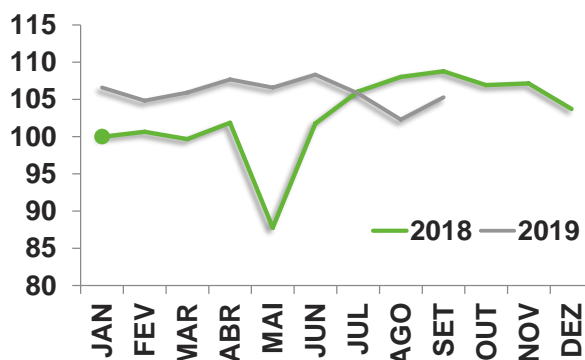
(Índice de base fixa mensal Jan 2018=100 – Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.2. Produção Industrial – RS

(Índice de base fixa mensal Jan 2018=100 – Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

São, portanto, tempos de recuperação, e que ainda carece de consolidação, visto que depende das reformas e do ajuste fiscal. Há um longo caminho para recuperar o que foi perdido nos últimos anos.

Indústria brasileira em 2018: Recuperação é muito lenta e desigual entre setores

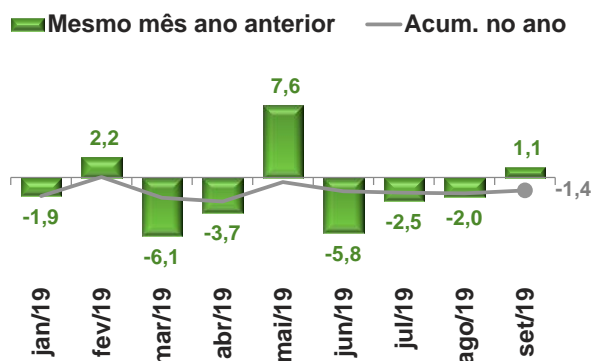
De fato, estagnada desde o último trimestre de 2018, o desempenho anual da indústria em 2019 até setembro, relativamente ao mesmo período do ano passado, é quase todo inercial. A produção brasileira caiu 1,4% no acumulado do ano em setembro (último dado disponível) e deve melhorar na ponta devido às comparações com bases menores do final de 2018, ficando mais perto de sua herança estatística (-0,6%) do mesmo ano.

A indústria gaúcha mostrou um avanço de 4,3% no acumulado de janeiro a setembro de 2019 ante o mesmo período de 2018 e deve desacelerar para um patamar próximo de seu carregamento estatístico (+3,2%) à medida que as comparações se derem com as bases maiores.

Vale destacar que, se não houver alteração na dinâmica, a estagnação na comparação anual é só uma questão de tempo.

Gráfico 3.3. Produção Industrial – Brasil

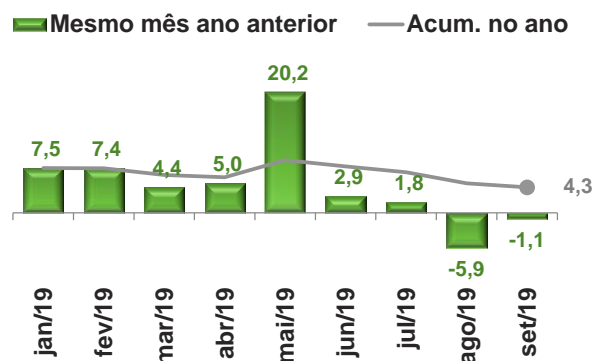
(Var % em relação)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.4. Produção Industrial – RS

(Var % em relação)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

A análise anual desagregada da produção industrial brasileira por grandes categorias de uso mostra um quadro de fraqueza generalizada em 2019. A produção de bens intermediários² caiu 2,4% nos primeiros nove meses de 2019 comparativamente a igual período de 2018, pressionada pela queda no segmento extrativo (-9,8%), devido ao rompimento de barragem em Brumadinho. O setor extrativo também puxou para baixo a indústria brasileira como um todo, com impacto de -1,3 p.p. sobre média geral. Caíram ainda, entre bens intermediários, a produção de Celulose e papel (-3,7%), da Metalurgia (-0,8%), de Químicos (-0,5%) e de Produtos de madeira (-5,6%) refletindo o baixo dinamismo da indústria, além da concorrência das importações e da redução nas exportações.

Já a categoria diretamente associada ao investimento, a de bens de capital cresceu somente 0,7% em 2019, sobretudo aqueles produzidos para fins industriais (+1,9%). Entre os setores produtores de bens de capital, destaque para Máquinas e equipamentos (+1,1%) e, principalmente, para Veículos autotomotores (+2,7%), que forneceu o maior impacto positivo para a produção industrial brasileira no ano, puxado por caminhões e ônibus (+3,1%) e cabines, carrocerias e reboques (+17,3%). Por outro lado, o principal impacto negativo dessa categoria veio de Outros equipamentos de transporte (-10,9%), com quedas em aviões, embarcações (inclusive petroleiros e plataformas), ferroviários, serviços de manutenção e reparação de máquinas e equipamentos.

A categoria de bens de consumo durável cresceu 1,6% em 2019, repercutindo, além das melhores condições de crédito, o aumento de renda das famílias. A alta foi puxada pelo segmento de bens voltados ao uso doméstico (como eletrodomésticos) do setor de Máquinas, aparelhos e material elétrico (+1,2%), que também produz outras categorias de bens. Já o maior impacto negativo nessa categoria veio de automóveis, camionetas e utilitários (-0,4%) por causa das exportações para a Argentina e do fechamento da fábrica da Ford em São Bernado do Campo.

A produção dos bens de consumo semiduráveis e não duráveis, que tem seu desempenho atrelado principalmente à renda, mostrou apenas leve alta de 0,4%, desempenho compatível com a recuperação gradual do mercado de trabalho e a queda das exportações. A quase estabilidade da produção nessa categoria deriva dos resultados muito próximos disso dos setores de Alimentos (+0,3%), Vestuário e acessórios (+0,1%), Couros e calçados (+0,3%) e Derivados de petróleo e biocombustíveis (+0,2%), além de Bebidas (+3,6%).

² Nessa categoria, responsável por cerca de 60% da produção, estão os insumos industriais para a produção.

A Tabela 3.1 mostra outros indicadores desagregados setorialmente no País, evidenciando os desempenhos heterogêneos no ano de 2019, comportamento típico de períodos de estagnação.

Tabela 3.1. Indicadores de conjuntura – Indústria do Brasil – Setores

(Var. % acum. em 2019 até setembro)

	Faturamento real	Horas trabalhadas na produção	UCI*	Emprego	Massa salarial real	Produção
Extrativa	-	-	-	-	-	-9,8
Alimentos	-5,5	-1,4	-1,1	-1,4	-3,0	0,3
Bebidas	-3,2	1,3	5,5	0,3	-3,9	3,6
Tabaco	-	-	-	-	-	-0,7
Têxteis	-6,1	-5,6	-1,6	-3,6	-4,8	-1,7
Vestuário e acessórios	-1,9	-5,7	-0,5	-2,0	3,3	0,1
Couros e calçados	6,4	7,9	1,1	0,3	-3,2	0,3
Produtos de Madeira	-5,5	-0,3	-4,0	1,7	2,1	-5,6
Celulose, papel e produtos de papel	-5,8	0,1	-0,5	1,6	-2,3	-3,7
Impressão e Reproduções de gravações	-7,1	-12,9	1,0	-5,9	-10,6	-7,9
Derivados de petróleo e biocombustíveis	-14,3	-1,9	6,4	-0,8	2,0	0,2
Químicos	-4,1	-1,3	-2,3	-0,5	-9,1	-
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	-0,5
Farmacêuticos	-10,8	18,4	0,0	3,0	-12,1	-3,4
Sabões, detergentes, prods de limpeza, cosm.	-	-	-	-	-	-3,1
Borracha e de material plástico	9,6	2,0	-0,8	-2,3	-1,6	-1,8
Minerais não metálicos	4,5	-1,7	0,1	0,0	1,2	1,6
Metalurgia	2,6	1,4	-1,2	1,8	2,4	-0,8
Produtos de metal	4,7	1,9	2,7	4,5	6,2	5,0
Equip. inform, prod. eletrônicos e óticos	-	-	-	-	-	-2,8
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	0,9	4,3	1,9	3,2	11,3	1,2
Máquinas e equipamentos	-2,8	0,2	0,9	1,2	-1,6	1,1
Veículos automotores	6,5	-1,6	0,9	-1,3	-4,1	2,7
Outros equipamentos de transporte	-4,1	7,2	0,3	2,6	-11,2	-10,9
Móveis	15,3	-7,1	-1,9	-2,5	-4,2	-0,4
Produtos diversos	16,4	5,6	0,4	2,8	6,3	1,9
Manutenção, rep. e inst. de máq. e equipam.	-	-	-	-	-	-9,1
Indústria de transformação	-1,7	-0,2	0,1	-0,3	-1,5	-0,2
Indústria geral	-	-	-	-	-	-1,4

Fonte: IBGE. CNI. Elaboração: FIERGS/UEE.

* Em pontos percentuais.

No Rio Grande do Sul, o padrão de desempenho setorial é mais favorável que o brasileiro: dos onze pesquisados, a produção industrial cresceu em oito, nos primeiros nove meses de 2019 relativamente ao mesmo período de 2018. Mais uma vez, destacaram-se Veículos automotores: +21,1%, contribuindo com 2,9 p.p., 2/3 da média global. A maior produção de automóveis, reboques, semirreboques e carrocerias de ônibus impulsionaram o setor. Além do impacto de curto prazo positivo da greve dos caminhoneiros já referido, vale destacar que os automóveis produzidos no estado são líderes de vendas em seus segmentos no País. Uma das causas é a venda direta em grandes quantidades, feitas por empresas para frotas próprias e locadoras.

O setor de Produtos de metal (+10,8%) exerceu a segunda maior influência positiva na produção da indústria gaúcha em 2019, puxado tanto por produtos relacionados aos investimentos (como construções pré-fabricadas de metal e estruturas de ferro e aço) como por produtos de consumo (revólveres e pistolas e artefatos de alumínio para uso doméstico). Além da demanda doméstica, o setor contou também com um aumento das exportações.

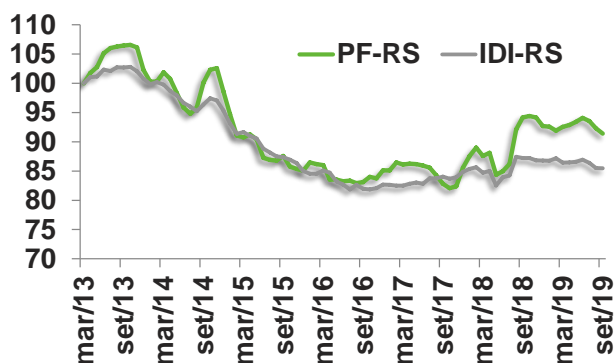
A produção de Couros e calçados cresceu 7,9% em 2019. Além da inauguração de uma nova planta calçadista no estado, o setor reagiu às melhores condições do mercado de trabalho, o que levou a um maior consumo interno, além de uma pequena alta das exportações de calçados.

Já Máquinas e equipamentos desaceleraram ao longo do ano. Depois de fechar o primeiro semestre de 2019 crescendo 7,6%, o setor exibe alta de apenas 1,8% na produção até setembro. Mesmo com o cenário positivo dado pela safra recorde no país, o setor, com grande participação de máquinas e implementos agrícolas, sofreu por causa da restrição de recursos do crédito rural (Plano Safra), que não atendeu à demanda, e da menor exportação para a Argentina.

O lado negativo dos setores industriais mostrou como destaque, as quedas Borracha e plásticos (-7,8%), de Alimentos (-1,9%) e de Celulose e papel (-3,5%). Apesar da queda da produção, Borracha e plásticos registrou alta de 3,6% no faturamento real, o que sugere um ajuste de estoques. No setor de Alimentos, há uma expansão na produção de carnes (aves e suínos), mas uma redução da soja (resíduos e óleos), afetados pelas exportações, o primeiro pela alta e o segundo pela contração, cujo efeito líquido foi negativo. O setor de Celulose e papel aumentou as vendas para o mercado externo, mas diminuiu a produção, o que aponta para um ajuste de estoques e/ou na produção para aguardar melhores preços.

Gráfico 3.5. Índice de Desempenho e Produção Industrial do RS

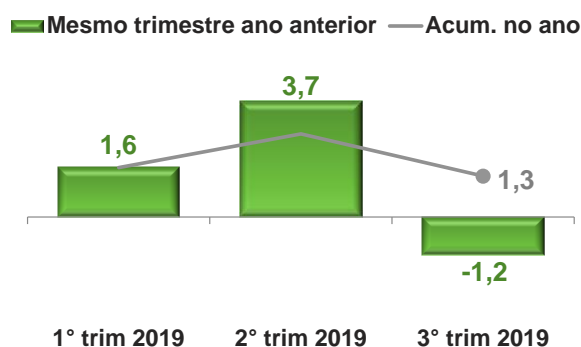
(Índice de base fixa mensal da média móvel trimestral março de 2013=100 – Com ajuste sazonal)



Fonte: FIERGS/IBGE. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.6. Índice de Desempenho Industrial do RS

(Var % em relação)

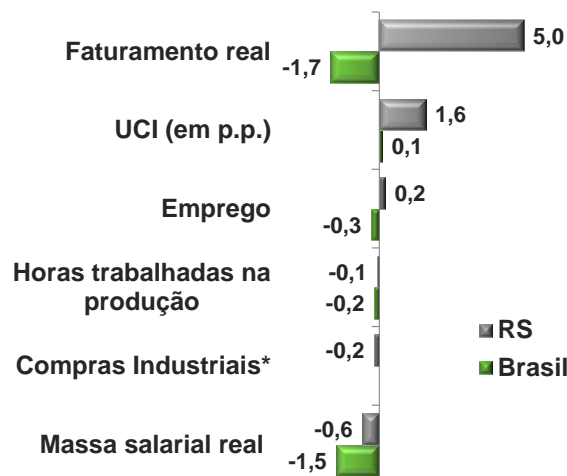


Fonte: FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Outro indicador de atividade industrial, o Índice de Desempenho Industrial gaúcho (IDI/RS), divulgado pela FIERGS, calculado a partir de seis variáveis – faturamento real, compras industriais, horas trabalhadas na produção, utilização da capacidade instalada (UCI), emprego e massa salarial real – demonstrou em 2019 a mesma evolução da produção, embora as metodologias sejam distintas: estagnação na margem e desempenho de 2019 explicado pelo carregamento estatístico de 2018. No acumulado de janeiro a setembro, o índice registrou alta de 1,3%, comparado com o mesmo período de 2018.

Gráfico 3.7. Indicadores Industriais do Brasil e Rio Grande do Sul

(Var. % acum. em 2019 até setembro)



Fonte: CNI/FIERGS - Indicadores Industriais. Elaboração: FIERGS/UEE. * Variável Compras é pesquisada somente no RS.

A evolução da produção industrial em 2019 é confirmada por outros indicadores pesquisados (Gráfico 3.7), que mostram o quadro de baixo dinamismo e o melhor desempenho da indústria estadual. Destaque para o faturamento real, que cresceu 5,0% no Rio Grande do Sul no ano até setembro, caindo 1,7% no Brasil. A Tabela 3.2 mostra os outros indicadores desagregados no Estado. Os resultados setoriais distintos também são característicos de períodos de estagnação.

Tabela 3.2. Indicadores de conjuntura – Indústria do Rio Grande do Sul – Setores
(Var. % acum. em 2019 até setembro)

	Faturamento real	Compras industriais	UCI*	Horas trabalhadas na produção	Emprego	Massa salarial real	IDI**	Produção
Alimentos	-3,9	-1,7	1,8	1,4	1,7	-2,7	0,0	-1,9
Bebidas	-1,2	-6,4	0,5	5,3	-1,3	-2,7	-0,6	0,0
Tabaco	36,6	-17,8	-	-2,2	-2,1	5,9	2,1	1,1
Celulose, papel e prods. de papel	-	-	-	-	-	-	-	-3,5
Têxteis	-1,5	-11,2	0,3	-12,7	-13,6	-9,3	-6,8	-
Vestuário e acessórios	-18,0	-3,9	-6,3	-10,1	-4,7	-6,8	-8,8	-
Couros e calçados	-0,4	16,3	3,8	1,6	-4,1	1,9	4,0	7,9
Couros	-2,3	-28,6	3,9	6,4	-6,3	-1,2	-7,5	-
Calçados	0,6	23,3	3,7	2,0	-3,8	2,2	4,9	-
Produtos de Madeira	8,8	18,6	4,9	-3,6	1,0	-0,8	7,6	-
Impressão e Reprod. de gravações	-3,5	-4,2	-	-1,7	-3,0	-0,3	-2,3	-
Químicos, der. de petróleo e biocomb.	-3,6	-2,6	-0,3	-7,4	6,6	2,2	-0,4	-
Derivados de petróleo e biocomb.	-	-	-	-	-	-	-	6,0
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	-	-	1,8
Borracha e de material plástico	3,0	-1,8	0,0	-0,5	-1,9	-3,1	0,1	-7,8
Borracha	2,0	-0,3	-0,3	-1,4	-3,0	-4,8	-0,8	-
Minerais não-metálicos	-	-	-	-	-	-	-	-1,2
Metalurgia	-3,5	-13,7	-8,2	-0,6	3,0	-4,8	-6,3	-3,1
Produtos de metal	2,8	-4,1	-1,3	-1,1	0,0	-2,4	-0,9	10,8
Equip. inform, eletrônicos e óticos	9,0	13,4	-0,8	-5,1	-4,4	-3,3	6,3	-
Máquinas, apar. e mat. elétricos	-3,3	-7,2	1,9	3,4	3,1	0,4	1,4	-
Máquinas e equipamentos	-2,0	-9,4	1,3	-3,9	1,5	-0,6	-2,9	1,8
Máquinas agrícolas	-5,4	-10,2	2,5	2,0	2,4	-0,7	-2,7	-
Veículos automotores	21,0	15,4	2,5	3,4	8,0	2,7	12,1	21,1
Móveis	-2,5	-1,4	2,1	2,7	-1,8	-0,8	-0,4	2,5
Indústria total	5,0	-0,2	1,6	-0,1	0,2	-0,6	1,3	4,3

Fonte: IBGE. CNI. Elaboração: FIERGS/UEE.

* Em pontos percentuais.

Estagnação em níveis baixos

Ao final de 2019 completa-se seis anos desde o início da recessão de 2014-16. Passados três anos de recuperação, a produção industrial brasileira ainda deverá ficar 14,4% abaixo de 2013, sendo necessário um avanço de 16,8% para alcançar aquele ponto³. No ritmo previsto para 2020, de 2,5%, serão necessários quase 7,0 anos para a produção recompor todas as perdas, ou seja, apenas em 2026.

Já o nível de produção gaúcha em 2019, deverá ficar 10,5% abaixo de 2013, necessitando crescer 11,7%, portanto, para se recuperar completamente da crise, o que deve acontecer, considerando a taxa de expansão prevista para 2020 (+2,0%), em 6,0 anos. Ou seja, só em 2025.

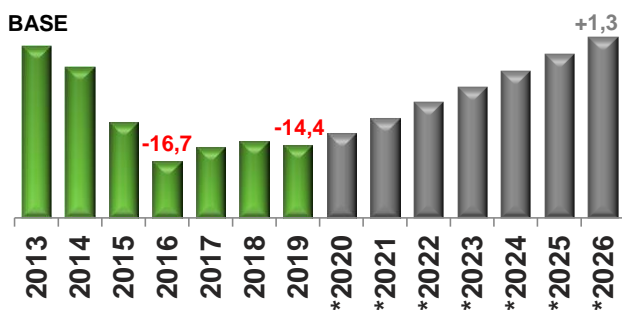
Setorialmente no Brasil, tomando por base os nove primeiros meses, apenas Celulose e papel (+4,9%) produz em 2019 mais do que no mesmo período de 2013. Os mais distantes são Outros equipamentos de transporte (-41,9%), Impressão e reprodução de gravações (-41,6%), Veículos automotores (-27,8%), Produtos de metal (-25,0%), Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-26,3%), Móveis (-26,5%) e Equipamentos de informática, eletrônicos e óticos (-26,7%).

Dos 14 setores pesquisados no Estado, somente dois produzem mais nos primeiros nove meses de 2019 do que no mesmo período de 2013: Celulose e papel (+99,0%) e Produtos de metal (+10,1%). Por outro lado, Máquinas e equipamentos (-29,1%), Minerais não metálicos (-

³ Vale lembrar que de 100 para 80 a queda é de 20%, mas para voltar a 100, é necessário crescer 25%.

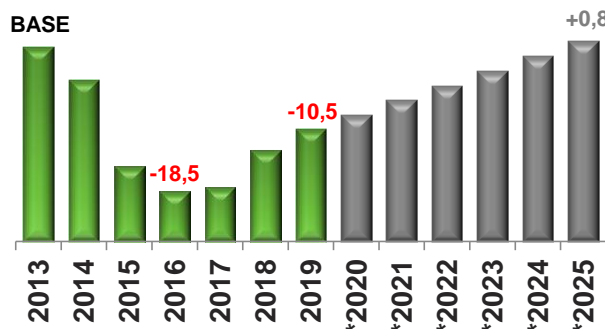
27,4%), Borracha e plásticos (-26,1%), Metalurgia (-23,5%) e Móveis (-21,0%) são os mais distantes. Veículos automotores, setor que puxa a produção gaúcha em 2019, ainda está 13,3% abaixo do patamar de 2013.

Gráfico 3.8. Produção Industrial – Brasil
(Var. % em relação à base)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE
* Projeção esperada.

Gráfico 3.9. Produção Industrial – RS
(Var. % em relação à base)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.
* Projeção esperada.

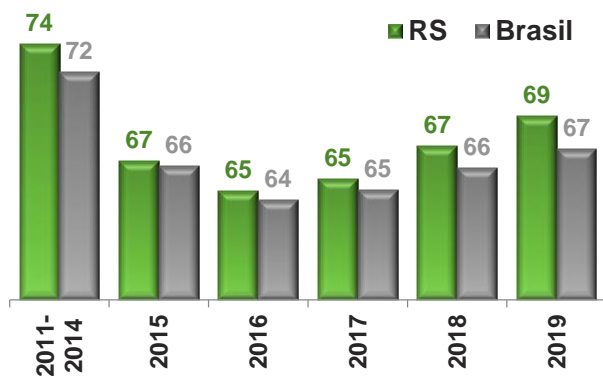
A avaliação dos empresários: Confiança elevada e maior disposição para investir

Os indicadores da Sondagem Industrial (CNI/FIERGS), ao longo de 2019, retratam com fidelidade, na visão empresarial, o cenário de dificuldades enfrentado pelo setor.

A ociosidade é um deles. Dada sua relevância, são dois indicadores pesquisados. O primeiro mede o grau médio de utilização da capacidade instalada (UCI), que varia de zero a 100%. Quanto maior, menor a ociosidade. Nesse sentido, o Gráfico 3.10 mostra que, apesar do aumento da ocupação nos últimos anos, o grau médio em 2019 de 67,0% no Brasil e 69,0% no RS, ainda está abaixo dos patamares verificados em anos anteriores à grande crise (74% e 72%, respectivamente). O outro indicador é a UCI em relação ao usual⁴, que mostra a UCI abaixo do nível normal em todos os meses do ano no Brasil e no RS, mas acima de suas médias históricas.

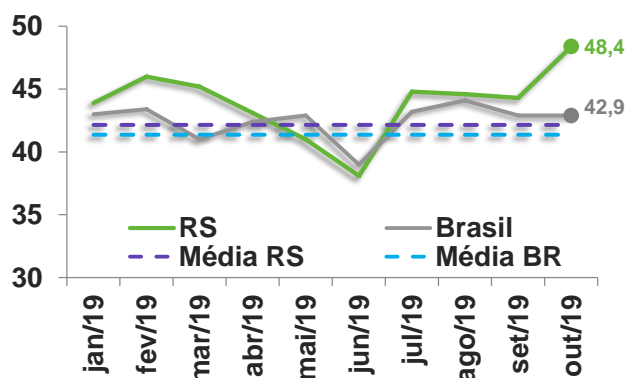
Os dois indicadores mostram que, apesar de menor, a indústria ainda tem ociosidade elevada e, portanto, disponibilidade para responder a uma retomada da demanda.

Gráfico 3.10. Utilização da Capacidade instalada (Grau médio)
(Em %)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.11. Índice UCI efetiva-usual
(Em pontos)

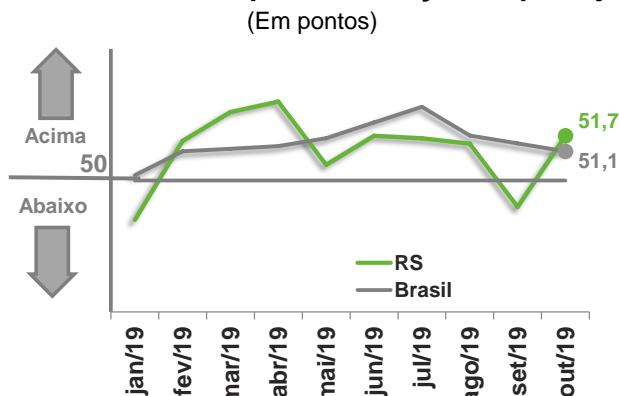


Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

⁴ Esse indicador revela se o grau de UCI da empresa no mês está, na avaliação do empresário, acima, abaixo ou no nível usual para aquele período. O indicador varia de zero a 100 pontos, tendo os 50 pontos como a marca divisória entre UCI acima e abaixo.

Outro elemento importante obtido pela Sondagem é o comportamento dos estoques de produtos finais, pois o excesso indica vendas inferiores às esperadas pelas empresas, o que repercute negativamente na produção futura. A combinação de estagnação com acúmulo de estoques faz com que as empresas priorizem o escoamento antes de aumentar a produção.

Gráfico 3.12. Indicadores de estoques em relação ao planejado – Brasil e RS



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Nesse sentido, a evolução dos estoques foi outro sinal do baixo nível da atividade industrial em 2019. Como mostra o Gráfico 3.12, os estoques⁵ ficaram acima do planejado pelas empresas na maior parte do ano, mas há um processo de ajuste em curso. O problema é maior entre as grandes empresas, que são responsáveis pelo ritmo da economia, cujos indicadores chegam a 55,2 e 54,5 pontos na média no ano no estado e no país, bem acima da média geral da indústria.

Gráfico 3.13. Principais problemas enfrentados em 2019 – Brasil e RS



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE. A soma supera 100% devido à possibilidade de múltipla escolha.

Segundo a Sondagem Industrial, a demanda interna insuficiente não foi o maior obstáculo para o desempenho do setor em 2019, mas foi o item que mais cresceu de importância em relação a 2018, perdendo somente para carga tributária, que, como sempre, foi a maior dificuldade no ano. Outros grandes obstáculos citados pelos empresários foram: a competição

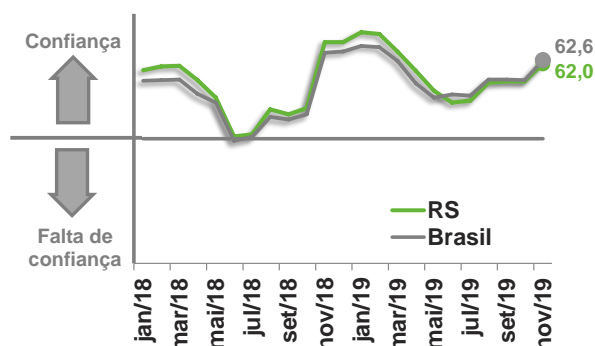
⁵ O indicador analisado é o de estoque em relação ao planejado no mês. Acima de 50, revela acúmulo indesejado.

desleal, a falta ou alto custo da matéria-prima, a falta de capital de giro, a demanda externa insuficiente, a taxa de câmbio, a burocracia excessiva, a inadimplência dos clientes e os juros.

Apesar de tantos problemas e do quadro de estagnação, a Sondagem traz boas notícias. De fato, os industriais, tanto no Brasil quanto no estado, mostraram confiança elevada durante todo o ano de 2019, reagindo à evolução da economia e da Reforma da Previdência. Os Índices de Confiança do Empresário Industrial (ICEIs)⁶ atingiram níveis históricos no início do ano, com a posse do novo governo, recuaram até julho, à medida que as instabilidades políticas colocavam em risco à Reforma e os desempenhos esperados da economia e da indústria não se confirmavam. A partir de agosto, a confiança volta a crescer com os avanços efetivos da Reforma da Previdência até a sua promulgação em novembro, quando os índices atingem valores em torno de 62,0 pontos.

Gráfico 3.14. Índice de Confiança do Empresário Industrial – Brasil* e RS

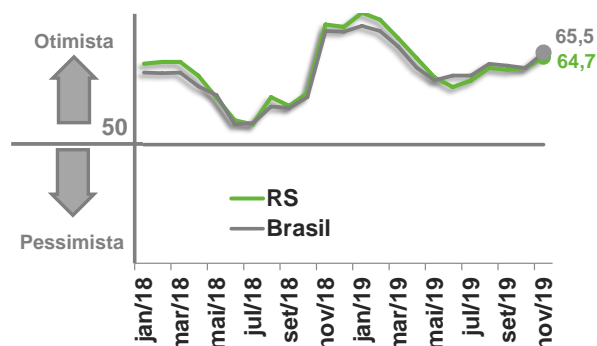
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE. *Indústria de transformação.

Gráfico 3.15. Índice de Expectativas Brasil* e RS

(Em pontos)

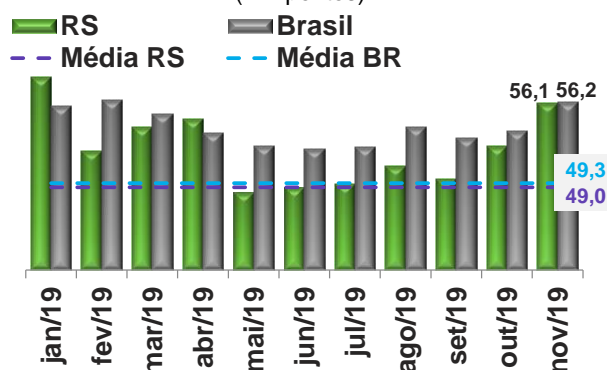


Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE. *Indústria de transformação

A decomposição do ICEI – em condições atuais e expectativas⁷ – mostra que a confiança foi sustentada principalmente pelo otimismo dos empresários com o futuro, confirmando, por um lado, as dificuldades do cenário econômico, mas reforçando, por outro, a perspectiva de mudança do quadro de estagnação nos próximos meses.

Gráfico 3.16. Indicadores de Intenção de Investir – Brasil e RS

(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

⁶ O ICEI varia de 0 a 100 pontos. Acima de 50 revela confiança, quanto maior o valor, maior e mais disseminada está entre os empresários. Abaixo de 50 pontos, o índice mostra falta de confiança.

⁷ O índice de expectativa para os próximos seis meses varia de 0 a 100 pontos. Acima de 50, revela otimismo. Quanto maior a pontuação, maior e mais disseminado está entre os empresários. Abaixo de 50 pontos, o indicador revela pessimismo.

A maior confiança impulsionou a disposição dos empresários para investir. Com o ano inteiro acima de suas médias históricas, os índices⁸, em especial em novembro, sugerem um maior ritmo dos investimentos industriais nos próximos meses.

Perspectivas para 2020 – Indústria retoma trajetória de recuperação em qualquer cenário

Sem conseguir retomar o processo de recuperação, estagnada na margem durante todo o ano, o desempenho da indústria em 2019 refletiu os efeitos carregamentos de 2018. A produção industrial brasileira deve cair 0,6% em 2019, resultado frustrante considerada a expansão de 3,2% prevista no final do ano passado. A produção da indústria gaúcha, mesmo estagnada na margem, confirmou as expectativas e deve avançar 3,1%. Já o nível de atividade industrial no Estado, medido pelo Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), deve encerrar 2019 com alta de 1,1%, crescendo em patamares próximos do previsto em 2018 pelo cenário inferior (+1,5%) e bem abaixo dos 3,9% do cenário básico.

Já no início do quarto trimestre de 2019 ainda não há sinal de aceleração do setor e as heranças estatísticas são nulas ou negativas para 2020: zero para produção industrial brasileira, -1,0% para a gaúcha, -0,7% para o IDI/RS. Isso significa que, se o quadro de estagnação não for revertido no ano que vem, essas serão as taxas apresentadas em 2020 relativamente a 2019.

Porém, os cenários para a indústria em 2020 consideram a recuperação cíclica da economia brasileira. Se beneficiando disso, o setor industrial deve voltar crescer em todos os cenários propostos, ajustando-se aos maiores patamares da demanda.

No Brasil, a produção industrial deve aumentar 2,5% em 2020 no cenário básico. No inferior, as condições econômicas mais desfavoráveis implicam uma alta menor: +1,7%. A conjuntura mais favorável, por outro lado, do cenário superior, pode levar a produção nacional a até 3,7% de crescimento.

No Estado, a perspectiva é de aumento da produção industrial de 2,0% para 2020, considerado o cenário base. A alta desacelera para 1,4% no inferior e, no superior, pode chegar a 2,9%. O IDI/RS deve crescer, respectivamente, 2,0%, 1,5% e 2,7% nos cenários propostos.

Tabela 3.3. Perspectivas para a produção industrial do Brasil

(Var. % acum. no ano)

	2018	2019*	Cenários 2020**		
			Inferior	Base	Superior
Indústria extrativa	0,0	-7,8	3,4	4,1	5,0
Indústria de transformação	1,1	0,4	1,6	2,4	3,5
Produção industrial	1,0	-0,6	1,7	2,5	3,7

Fonte: IBGE/PIM-PF. *Estimativa FIERGS/UEE. ** Previsão FIERGS/UEE.

Tabela 3.4. Perspectivas para a indústria do RS

(Var. % acum. no ano)

	2018	2019*	Cenários 2020**		
			Inferior	Base	Superior
Faturamento real	2,7	4,1	1,8	3,4	5,2
Compras industriais	10,0	-1,2	2,4	4,2	5,5
Utilização da capacidade instalada	1,6	1,9	0,8	1,3	1,9
Massa salarial real	-1,3	-0,4	0,8	1,7	2,3
Emprego	0,9	0,2	0,3	0,9	1,4
Horas trabalhadas na produção	0,0	-0,4	0,6	1,4	2,3
Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)	2,6	1,1	1,5	2,0	2,7
Produção industrial	5,9	3,1	1,4	2,0	2,9

Fonte: IBGE/PIM-PF. FIERGS/Indicadores Industriais do RS. *Estimativa FIERGS/UEE. ** Previsão FIERGS/UEE.

⁸ Variando de zero (ninguém empresa disposta) a 100 (todas as empresas dispostas), quanto maior o índice, maior é a disposição.